ATHENA

ATHENA

REVISTA DE ARTE

VOL. I

OUTUBRO 1924 a
FEVEREIRO 1925

LISBOA
IMPRENSA LIBANIO DA SILVA
24, TRAVESSA DO FALLA-SÓ

ATHENA

DIRECTORES

FERNANDO PESSOA
RUY VAZ

A T H E N Á

Tem duas fórmas, ou modos, o que chamamos cultura. Não é a cultura senão o aperfeiçoamento subjectivo da vida. Esse aperfeiçoamento é directo ou indirecto; ao primeiro se chama arte, sciencia ao segundo. Pela arte nos aperfeiçoamos a nós; pela sciencia aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou illusão, do mundo.

Como, porém, o nosso conceito do mundo comprehende o que fazemos de nós mesmos, e, per outra parte, no conceito, que de nós formamos, se contém o que formamos das sensações, pelas quaes o mundo nos é dado; succede que em seus fundamentos subjectivos, e portanto na sua maior perfeição em nós — que não é senão a sua maior conformidade com esses mesmos fundamentos —, a arte se mixtura com a sciencia, a sciencia se confunde com a arte.

Com tal assiduidade e estudo se empregam os summos artistas no conhecimento das materias, de que hão de servir-se, que antes parecem sabios do que imaginam, que apprendizes da sua imaginação. Nem escasseiam, assim nas obras como nos dizeres dos grandes sabedores, lucilações logicas do sublime; em a licção d'elles se inventou o dicto, *o bello é o esplendor do vero*, que a tradição, exemplarmente erronea, attribuiu a Platão. E na acção mais perfeita que nos figuramos — a dos que chamamos deuses — aúnamos por instincto as duas fórmas da cultura: figuramol-os creando como artistas, sabendo como sabios, porém em um só acto; pois o que criam, o criam inteiramente, como verdade, que não como creação; e o que sabem, o sabem inteiramente, porque o não descobriram mas crearam.

*

Se é licito que acceitemos que a alma se divide em duas partes — uma como material, a outra puro espirito —, diremos, de qualquer conjuncto ou homem hoje civilizado, que deve a primeira á nação que é ou em que nasceu, a segunda á Grecia antiga. *Exceptas as forças cegas da Natureza*, disse Sumner Maine, *tudo, quanto neste mundo se move, é grego em sua origem.*

Estes gregos, que ainda nos governam de além dos proprios tumulos desfeitos, figuraram em dois deuses a producção da arte, cujas fórmas todas lhes devemos, e de que só não crearam a necessidade e a imperfeição. Figuraram em o deus Apollo a liga instinctiva da sensibilidade com o entendimento, em cuja acção a arte tem origem como belleza. Figuraram em a deusa Athena a união da arte e da sciencia, em cujo effeito a arte (como tambem a sciencia) tem origem como perfeição. Sob o influxo do deus nasce o poeta, entendendo nós por poesia, como outros, *o principio animador de todas as artes;* com o auxilio da deusa se fórma o artista.

Com esta ordem de symbolos — e assim nesta matéria como em outras — ensinaram os gregos que tudo é de origem divina, isto é, extranho ao nosso entendimento, e alheio á nossa vontade. Somos só o que nos fizeram ser, e dormimos com sonhos, servos orgulhosos nelles da liberdade que nem nelles temos. Porisso o *nascitur*, que se diz do poeta, se applica tambem a metade do artista. Não se apprende a ser artista; apprende-se porém a saber sel-o. Em certo modo, comtudo, quanto maior o artista nato, maior a sua capacidade para ser mais que o artista nato. Cada um tem o Apollo que busca, e terá a Athena que buscar. Tanto o que temos, porém, como o que teremos, já nos está dado, porque tudo é logico. *Deus geometriza*, disse Platão.

*

Da sensibilidade, da personalidade distincta que ella determina, nasce a arte per o que se chama a inspiração — o segredo que ninguem fallou, a sesame dicta por acaso, o echo em nós do encantamento distante.

A só sensibilidade, porém, não gera a arte; é tãosómente a sua condição, como o desejo o é do proposito. Ha mistér que ao que a sensibilidade ministra se ajuncte o que o entendimento lhe nega. Assim se estabelece um equilibrio; e o equilibrio é o fundamento da vida. A arte é a expressão de um equilibrio entre a subjectividade da emoção e a objectividade do entendimento, que, como emoção e entendimento, e como subjectiva e objectivo, se entreoppõem, e porisso, conjugando-se, se equilibram.

Tem a arte, para nascer, que ser de um individuo; para não morrer, que ser como extranha a elle. Deve nascer no individuo per, que não em, o que elle tem de individual. No artista nato a sensibilidade, subjectiva e pessoal, é, ao sel-o, objectiva e impessoal tambem. Poronde se vê que em tal sensibilidade se contém já, como instincto, o entendimento; que ha portanto fusão, que não só conjugação, d'aquelles dois elementos do espirito.

A sensibilidade conduz normalmente á acção, o entendimento á contemplação. A arte, em que estes dois elementos se fundem, é uma contemplação activa, uma acção parada. E' esta fusão, composta em sua origem, simples em seu resultado, que os gregos figuraram em Apollo, cuja acção é a melodia. Não tem porém valia como arte essa dupla unidade senão com seus elementos não só unidos mas equivalentes.

Pobre de sensibilidade e de pessoa, a arte é uma mathematica sem verdade. Por muito que um homem apprenda, nunca apprende a ser quem não é; se não fôr artista, não será artista, e da arte que finge se dirá o que Scaliger disse da de Erasmo: *ex alieno ingenio poeta, ex suo versificator* — poeta pelo ingenho alheio, versificador pelo proprio.

Pobre de entendimento, porém, e da objectividade que ha nelle, no genio sobresahe a loucura, em que se funda; no talento a extranheza, em que se fundamenta; no ingenho a singularidade, em que tem origem. O individuo mata a individualidade.

*

Na arte buscamos para nós um aperfeiçoamento directo; podemos buscal-o temporario, ou constante, ou permanente. Nossa índole, e as circumstancias, determinarão a especie, que é tambem o grau, de nossa escolha.

Aperfeiçoamento temporario, não o ha senão o do esquecimento; porque, como forçosamente o que temos de mau está em nós, o aperfeiçoarmo-nos temporariamente, isto é, sem aperfeiçoamento, não pode ser mais que o esquecermo-nos de nós, e da imperfeição que somos. Ministram por natureza este esquecimento as artes inferiores — a dança, o canto, a representação —, cujo fim especial é o de distrahir e de entreter, e que, se excedem esse fim, tambem a si mesmas se excedem.

Aperfeiçoamento constante quer dizer, não o aperfeiçoamento, senão a presença constante de estimulos para elle. Não ha estimulos, porém, senão exteriores; serão tanto mais fortes, quanto mais exteriores; serão tanto mais exteriores, quanto mais forem physicos e concretos. Ministram por natureza este estimulo constante as artes superiores concretas — a pintura, a esculptura, a architectura —, cujo fim especial é o de adornar e de embellezar. Constantes como aperfeiçoamento, são porém permanentes como estimulos d'elle: de ahi o serem superiores. Podem ellas, comtudo, admittir, como todo concreto, uma animação do abstracto; na proporção em que, sem desertarem de seu fito, o fizerem, a si mesmas se excederão.

O aperfeiçoamento permanente não pode dar-se senão per aquillo que no homem é já mais permanente e mais aperfeiçoado. Operando e animando nesse elemento do espirito se fará o homem viver cada vez mais nelle, se o fará viver uma vida cada vez mais perfeita. E' a abstracção o ultimo effeito da evolução do cerebro, a ultima revelação que em nós o destino fez de si mesmo. E' ainda a abstracção substancialmente permanente; nella, e na operação d'ella a que chamamos razão, não vive o homem servo de si, como na sensibilidade, nem pensa superficial do ambiente, como com o entendimento: vive e pensa *sub specie aeternitatis,* desprendido e profundo. Nella, pois, e per ella, se deve effectuar o aperfeiçoamento permanente do homem. As artes que por natureza ministram tal aperfeiçoamento são as artes superiores abstractas — a musica e a litteratura, e ainda a philosophia, que abusivamente se colloca entre as sciencias, como se ella fôra mais que o exercicio do espirito em se figurar mundos impossiveis.

Assim, porém, como qualquer das artes superiores pode descer ao nivel da infima, quando se dê o fito que naturalmente convém áquella, assim tambem as inferiores e as concretas podem, em certo modo, alçar-se ao da suprema. Assim é que toda arte, seja qual fôr seu logar natural, deve tender para a abstracção das artes maiores.

Trez são os elementos abstractos que pode haver em qualquer arte, e que podem portanto nella sobresahir: a ordenação logica do todo em suas partes, o conhecimento objectivo da materia que ella informa, e a excedencia nella de um pensamento abstracto. Em qualquer arte é dado, em maior ou menor grau, manifestarem-se estes elementos, ainda que só nas artes abstractas, e sobretudo na litteratura, que é a mais completa, possam manifestar-se inteiramente.

A mesma abstracção é tambem o estádio supremo da sciencia. Tende esta para ser mathematica, isto é, abstracta, á medida que se eleva e se aperfeiçôa. E' pois no nivel da abstracção que a arte e a sciencia, ambas se alçando, se conjugam, como dois caminhos no pincaro para que ambos tendam. E' este o imperio de Athena, cuja acção é a harmonia.

Como, porém, toda sciencia, se tende para a mathematica, tende, com isso, para uma abstracção concreta, applicavel á realidade e verificavel em seus movimentos physicos; assim toda arte, por mais que se eleve, não póde desprender-se do entendimento e da sensibilidade, em cuja fusão se creou e teve origem. Onde não houver harmonia, equilibrio de elementos oppostos, não haverá sciencia nem arte, porque nem haverá vida. Representa Apollo o equilibrio do subjectivo e do objectivo; figura Athena a harmonia do concreto e do abstracto. A arte suprema é o resultado da harmonia entre a particularidade da emoção e do entendimento, que são do homem e do tempo, e a universalidade da razão, que, para ser de todos os homens e tempos, é de homem, e de tempo, nenhum. O producto assim formado terá vida, como concreto; organização, como abstracto. Isto estabeleceu Aristoteles, uma vez para sempre, naquella sua phrase que é toda a esthetica: *um poema*, disse, *é um animal*.

*

Existe ainda o preconceito, nascido ou de se attender só ás fórmas inferiores da arte, ou de se attender inferiormente a qualquer d'ellas, de que a arte deve dar prazer ou alegria. Ninguem cuide, esquecendo os grandes fins d'ella, que a arte suprema deve dar-lhe alegria, ou, ainda quando o satisfaça, satisfacção. Se a arte infima tem por dever o entreter, se a média tem por mister o embellezar, elevar é o fim da suprema. Porisso toda arte superior é, ao contrario das outras duas, profundamente triste. Elevar é deshumanizar, e o homem se não sente feliz onde se não sente já homem. E' certo que a grande arte é humana; o homem, porém, é mais humano que ella.

Ainda per outra via a grande arte nos entristece. Constantemente ella nos aponta a nossa imperfeição: já porque, parecendo-nos perfeita, se oppõe ao que somos de imperfeitos; já porque, nem ella sendo perfeita, é o signal maior da imperfeição que somos.

E' porisso que os gregos, paes humanos da arte, eram um povo infantil e triste. E a arte não é porventura mais, em sua forma suprema, que a infancia triste de um deus futuro, a desolação humana da immortalidade presentida.

FERNANDO PESSOA

OITO SONETOS

AGULHA DE MAREAR

Não ha morte, nem vida: ha fórmas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

A sombra do cypreste, acicular e fina,
silenciosamente aponta o chão barrento,
aonde, em cada flôr, existe uma ruina,
e, em cada grão de terra, o pó de um soffrimento.

E é nesse chão fendido, inerte, e lamacento,
que se fére a batalha, em úbere chacina,
entre a raiz da herva e o morto Pensamento,
entre a tromba da larva e a bôcca feminina.

Improfícua peleja em que o vencido de Hoje
foi Hontem vencedor; e em que a victoria foge,
buscando inutilmente a eterna Perfeição.

E a sombra do cypreste, impávida entre as lousas,
tranquillamente aponta a Chymica das Cousas,
que infiltra em cada arbusto a dôr de um coração.

SALVÉ NATURA!

A Natureza não attende os queixumes e as supplicas do Homem: repelle-o inexoravelmente para o seu proprio Ser.

LUDWIG FEUERBACH.

Sempre que o pranto corre, humilde, lento, e certo,
na estagnação da Desesp'rança indefinida,
e rasga em cada face um sulco a descoberto,
por onde a Dôr deslisa, obscura e succumbida,

ninguem repara nesse enorme sulco aberto,
ninguem o vê na face esqualida e dorida,
por ser o Egoismo, em tudo, o natural deserto,
em que a extranha dôr não póde achar guarida.

Odeio-te por isso — injusta Natureza! —
a quem, numa servil hosanna pantheista,
é uso lisongear o Poder e a Grandeza.

Infinitos sómente em tempo e em espaço,
tal Grandeza e Poder cegam de todo a vista,
emquanto se não sente o horror do seu abraço.

A NOITE DOS TEMPOS

Viver na Historia é simples irrisão;
tambem ella ha de um dia terminar
quando a Terra, sem vida na amplidão,
só der á lua morta outro luar.

E, quando o astro-cadaver gravitar
sem o Sol o aquecer, onde estarão
as paginas da Historia secular,
que o Homem escreveu por sua mão?...

Emquanto a Vida é luz que morre e cança,
só o Tempo progride e não descança
de prolongar a noite das Edades;

e, como simples rastro de seus passos,
condemna cada astro nos espaços
á pena capital das unidades.

A REVOLTA DO «SER»

O mais feliz dos homens é aquelle que ainda não nasceu.

PROVERBIO GREGO.

Claridades do dia ha muito que as não vejo;
a noite, dentro em mim, esmaga-me vencido;
e, tendo horror á Vida, a Morte não desejo,
porque o Bem só consiste em nunca haver nascido.

Diz-se que a Vida é fructo opímo de um só beijo
e a Morte a redempção de quem tiver soffrido;
mas a Vida, afinal, é a charneca, o brejo,
onde a Morte recolhe um fructo apodrecido.

Vida e Morte — por fim — são dois eguaes cutellos
nas mãos do mesmo algoz — a injusta Natureza —
que tira do Não-Ser os réos pelos cabellos.

E somos nós os réos, que, na nossa Consciencia,
vêmos imaginaria a Idéa de Belleza,
irrealidade vã da ephemera Existencia.

?...

QUIETAÇÃO OU REINCARNAÇÃO?...

A Morte o que será?... E que será morrer?..
E não obstante o Todo vive e tudo acaba..
Escombro de uma vida exhausta que desaba,
ou Vida que se extingue e torna a reviver?...

Mas, seja como fôr, a Morte é uma aldraba
que bate a toda a hora á porta do viver,
e o homem pensador, consciente no prever,
até mesmo no fim a vida menoscaba.

Que será, pois, morrer?... De todos os mysterios
é sempre o mais fecundo, o que enche os cemiterios,
unico e natural direito que nós temos;

injusta punição que soffre o innocente
do crime de viver, porque a Causa immanente
a tudo impoz a Dôr, e á Dôr não deu extremos.

SHYLOCK

Saúdo — ó Natureza! — o braço de Harpagão
com que tentas cobrir a falsa omnipotencia,
o braço que, na ceifa, empregas sem clemencia,
derrubando a seára até chegar ao chão.

E, renovando a vida, impelles o embryão
a formar-se, a soffrer, sem dó nem condolencia,
a dôr que lhe impuzeste em sua propria essencia,
para de novo a morte ser o amphytrião.

E quando dizes, com o teu desdem algente,
— «Olhae a minha serva a cobrar, sorridente,
tributo que se paga e nunca fica pago»,

enthesouras assim, soffregamente avara,
a trabalhosa messe, o fructo da seára,
no subito prazer de um repentino trago.